



O USO DO GÊNERO *FÁBULA* COMO POTENCIALIZADOR DO PROCESSO DE LEITURA E (RE)ESCRITA NO ENSINO FUNDAMENTAL

USING THE GENDER OF FABLE AS A POTENTIAL FOR THE READING PROCESS AS READING PROCESS AND E (RE)WRITING ON ELEMENTARY EDUCATION

Rachel Alves Dias¹

Gasperim Ramalho de Souza²

DOI: 10.26512/aguaviva.v3i1.12173

Recebido em: 15 abr. 2018

Aceito em: 10 jun. 2018

RESUMO: Visando fomentar uma prática de atividade contextualizada, o presente trabalho possibilita a reflexão do processo de (re)escrita nos anos iniciais escolares a partir das fábulas, que se constitui como um gênero literário que abrange diversos aspectos relacionados à etária trabalhada. Assim, para a realização desta pesquisa propõe-se analisar a leitura e a (re)escrita de fábulas na educação básica como estratégia para aprimorar a linguagem escrita dos alunos.

Palavras-chave: Gênero Literário; Fábula; Leitura; (Re)escrita

ABSTRACT: In order to foster a practice of contextualized activity, the present work enables the reflection of the process of (re)writing in the initial years of children elementary schooling through the teaching of fables, which is a literary genre which comprises several aspects related to that age group. Thus, for the achievement of this research, it is intended to analyze the reading and (re)writing of fables as a strategy in elementary school aiming at enhancing students' written language.

Keywords: Literary Genre; Fable; Reading; Rewriting

¹ Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal de Lavras (UFLA). E-mail: r_dias@outlook.com.br

² Doutorando em Estudos de Linguagens (CEFET-MG). Professor do Departamento de Estudos da Linguagem na Universidade Federal de Lavras (DEL/UFLA). E-mail: gasperim.souza@del.ufla.br



INTRODUÇÃO

A leitura e a escrita são atividades que começam a ser introduzidas na infância. Contudo, é no ambiente escolar que as práticas sociais da leitura e da escrita devem ser ampliadas, visando aprimoramento de tais habilidades a fim de propiciar um entendimento melhor do meio cultural e desenvolver a comunicação com o mundo, além de contribuir para que não haja um foco demasiado na oralidade.

Os usos dos mais variados gêneros textuais podem subsidiar este processo de ensino e aprendizado da leitura e escrita de crianças. É importante ressaltar que crianças são sujeitos brincantes, isto é, aprendem a partir do brincar, do lúdico, do jogo, de métodos divertidos. Sendo assim, um gênero textual que permite esse aprender brincando são as fábulas, pois oportuniza o desenvolvimento da criatividade, do senso crítico, da imaginação, entre outros. Dessa forma, os gêneros textuais, especificamente as fábulas podem se configurar enquanto recursos metodológicos-pedagógicos que inseridos no contexto escolar, principalmente nas salas de aulas, de forma diferenciada com o objetivo de mostrar às crianças a utilidade e a importância desses gêneros inseridos no cotidiano diário, despertam nos alunos o hábito da leitura e da escrita, da criação e da produção em um contexto comunicativo de recriação literária, o que pode ocorrer por um processo de escrita e (re)escrita.

Assim sendo, este artigo traz reflexões acerca do processo de (re)escrita na Educação Básica e os possíveis posicionamentos que os alunos assumem acerca de tal processo quando (re)constrói seu texto, bem como a intervenção do professor que serve para despertar o interesse dos estudantes para leitura e proporcionar-lhes insumo para uma escrita que detenha elemento de coesão e coerência. Visando fomentar uma prática de atividade contextualizada, o presente trabalho possibilita a reflexão do processo de (re)escrita nos anos iniciais escolares a partir das fábulas, que se constitui como um gênero textual que compreende as especificidades da faixa etária trabalhada. Assim, para a realização desta pesquisa propõe-se analisar a leitura e a (re)escrita de fábulas na educação básica como estratégia para aprimorar a linguagem escrita dos alunos (NELLY COELHO, 2000). Para a realização do presente trabalho, será usado como subsídio



teórico principalmente as fábulas do livro *Fábulas de Esopo*, de Beverley Naidoo e Piet Groblet.

A fala e a escrita

Desde seu surgimento, a humanidade procurou formas de interação na tentativa de se expressar e posteriormente alcançar a comunicação e, conseqüentemente o entendimento mútuo. Procurando sempre formas de registrar tais comunicações, seja por meio de desenhos em pedras ou pergaminhos, os indivíduos estabeleceram formas de se compreenderem. Uma maneira que hoje pode ser percebida como um pouco rústica e primitiva, mas que foi o início para se chegar a forma atual de escrita usando como material principal o papel. Isso nos torna aptos para trocar informações e adquirir e/ou passar conhecimento.

A escrita é mais um método que usamos para estabelecer comunicação com outro, mas não é o único, uma vez que antes dela nós já tínhamos outro modo de comunicação, que era os gestos e posteriormente, a fala, que é entendido pelo PCN – Parâmetro Curricular Nacional (BRASIL, 1997, p. 23) como sendo “produto da atividade discursiva oral ou escrita que forma um todo significativo e acabado, qualquer que seja sua extensão. É uma seqüência verbal constituída por um conjunto de relações que se estabelecem a partir da coesão e da coerência”.

A fala é uma atividade que atualmente é considerada importante para que o indivíduo possa se comunicar socialmente. É a partir dela que a língua e a linguagem tomam a forma verbal, isto é, que é falada, dita. Cabe ressaltar, que a fala enquanto um ato de expressar por meio das palavras é importante, mas não se configura como sendo o único instrumento que permite dar vazão a língua. Assim, é uma prática ensinada aos sujeitos desde a sua tenra idade e é aperfeiçoada no ambiente escolar. Os PCNs (BRASIL, 1997) propõem a utilização da linguagem oral formal nas escolas nas diversas situações comunicativas – planejamento e realização de entrevistas, debates, seminários e diálogos com autoridades, visando dar condições ao aluno de se posicionar diante de situações em quaisquer circunstâncias. É importante destacar que não compete a escola ensinar o aluno a falar, já que é uma capacidade adquirida no espaço privado, na comunicação informal, coloquial e familiar, mas sim intervir para que esse aluno saiba porta-se da linguagem oral adequada quando a mesma for requerida.



Diante dos pressupostos, a fala e a escrita são importantes instrumentos para a comunicação entre os indivíduos e, ambas possuem uma intrínseca relação, uma vez que a fala está intimamente ligada a escrita e vice e versa.

A escrita é considerada uma maneira de produção textual-discursiva que objetivo a comunicação caracterizada por peculiaridades materiais definidos por sua constituição gráfica, nesse sentido, a escrita, de fato, requer formalidade. Visto que a escrita é mediada pela fala, é crucial que o aluno conheça a papel que cada uma delas exerce, sendo assim o professor tem a função de mediar o aprendizado do aluno no que se refere a distinção entre a fala e escrita (MARCUSCHI, 2008).

A escrita não pode ser apenas uma representação da fala, tendo em vista que não é possível reproduzir fenômenos da oralidade capazes de esclarecer a situação, como exemplo a prosódia, a gestualidade, os movimentos do corpo, entre outros, do mesmo modo que a oralidade não consegue reproduzir fenômenos da escrita. Assim, é necessário que o aluno tenha potencial de identificar tais expressões, pautando-se pela coesão visando dar sentido a seu texto (MARCUSCHI, 2008).

Gêneros textuais

Segundo Bakhtin (1997, p. 248), o gênero se define como "tipos relativamente estáveis de enunciados" elaborados pelas diferentes esferas de utilização da língua. Assim sendo, se configuram enquanto textos que possuem determinadas características e estruturas que o fazem ser como são e, como resultado são classificados em gêneros distintos. Para se configurar como um gênero distinto são necessários três elementos básicos: conteúdo temático, estilo e forma composicional. A partir disso, as condições de produção dos enunciados e dos gêneros discursivos introduzem intenções comunicativas e as necessidades dos sujeitos nas atividades – nas quais são determinados os papéis dos sujeitos.

Completando a noção de gênero textual, Marcuschi (2005, p.4) compreende:

A expressão gênero textual é uma noção propositalmente vaga para referir os textos materializados que encontramos em nossa vida diária e que apresentam características sócio-comunicativas definidas por conteúdos, propriedades funcionais, estilo e composição característica [...], que abrange um conjunto aberto e praticamente ilimitado de designações concretas determinadas pelo canal, estilo, conteúdo, composição e função.



São inúmeros os gêneros textuais que o sujeito possui contato direto diariamente e, cada um possui uma funcionalidade, intenção e característica. Diante disso, o entendimento do leitor perante determinado gênero textual depende do contexto interno e externo ao qual foi produzido, mas especificamente dependerá dos conhecimentos (prévios ou não) que o indivíduo possui e utilizará para compreender o texto. Existe uma concepção padrão de cada esfera no uso da linguagem no que se diz respeito ao destinatário que se refere ao locutor, no qual adota uma atitude responsiva ativa adiante da totalidade acabada do gênero. Para Bakhtin (1992) o discurso institui intercâmbios socioculturais decorrente de processos cognitivos e de conhecimentos acumulados ao longo do tempo que justificam uma atitude responsiva ativa, enfatizando que quando fala e/ou escreve ou lê e/ou ouve, o indivíduo ativa seu conhecimento adquirido dos gêneros a que teve acesso nas suas relações com a linguagem.

Diante do exposto, há de se considerar na prática pedagógica, ao orientar os alunos para a produção textual ou para a leitura, essa dimensão que constitui o que Bakhtin chamou de relação entre forças centrípetas – de concentração e forças centrífugas – de expansão. Nesse sentido, as forças de concentração exercem seu papel ao lado das forças de expansão, a concentração se responsabiliza pela economia nas relações de comunicação e a intercompreensão entre os sujeitos da fala viabilizando a estabilidade do sistema, e a expansão consente a diversificação – inovação, criação, estilo, idioleto, entre outros (BAKHTIN, 1992).

Os gêneros textuais são fenômenos históricos vinculados à vida cultural e social, colaborando com a ordenação e estabilização das atividades comunicativas da rotina cotidiana. Além de possuírem características de maleabilidade e dinamismo, tendo em vista que o surgimento dos gêneros se deu por meio da necessidade de comunicação de cada época histórica. Considerando uma primeira fase, a essência cultural dos povos era basicamente oral – onde o número de gêneros era muito reduzido.

Com a expansão evolucionar e o surgimento da cultura escrita, surgiram também os típicos da escrita, evoluindo ainda para a fase da cultura impressa, até atingir os dias atuais, chamada cultura eletrônica, caracterizada pela televisão, pelo telefone, pelo gravador, pelo rádio, e também, pelo computador e conseqüentemente pela internet, proporcionando a expansão de novos gêneros e novas formas de comunicação, no que diz respeito à oralidade como também a escrita.



O que caracteriza que os gêneros textuais, surgem, situam-se e integram-se de forma funcional nas culturas em que se propagam, onde suas funções comunicativas sobressaem em relação a suas especificidades linguísticas e estruturais – sendo assim, os gêneros podem surgir e/ou desaparecer de acordo com a necessidade comunicativa de um determinado tempo e/ou contexto histórico e social (MARCUSCHI, 2005).

Segundo Dolz e Schneuwly (1996), seria impossível sistematizar os gêneros observando a sua diversidade. Sendo assim, faz-se necessário o agrupamento de gêneros, utilizando-se de três critérios cruciais: a) que correspondam às grandes finalidades sociais legadas ao ensino, respondendo às necessidades de linguagem em expressão escrita e oral, em domínios essenciais da comunicação em nossa sociedade; b) que retomem, de modo flexível, certas distinções tipológicas que já figurem em numerosos manuais e guias curriculares; e c) que sejam relativamente homogêneos quanto às capacidades de linguagem dominantes implicadas na mestria dos gêneros agrupados.

Nesta proposta, de modo provisório, os gêneros estão subdivididos em cinco agrupamentos: a) do narrar, que abrange a cultura literária ficcional, b) do relatar, onde estão a documentação e memorização das ações humanas; c) do argumentar, que trata da discussão de problemas sociais controversos; d) do expor, que concentra a transmissão e construção de saberes, e) de descrever ações, que traz as instruções e prescrições (DOLZ E SCHNEUWLY, 1996).

Para esse artigo, especificamente, utilizou-se o gênero da ordem do narrar, a fábula que para Barbosa (2001), é um dos gêneros que registra a experiência e o modo de vida das sociedades. E é por meio de tais histórias que ouvimos, por meio da tradição oral ou registrada em acervos, que aprendemos lições importantes para o convívio em sociedade.

A Fábula como um gênero que integra leitura e (re)escrita

Para Nelly Coelho (2000, p. 165), a fábula “é a narrativa de natureza simbólica de uma situação vivida por animais que alude a uma situação humana e tem por objetivo transmitir certa moralidade”. Ainda de acordo com os estudos realizados pela autora, a fábula vem do latim com o significado de “falar” e do grego que é o mesmo que “dizer”, contar algo.



Esse gênero surgiu no ocidente aproximadamente no século VI a.C, através do suposto escravo grego Esopo, de quem dizem ser o transmissor de suas histórias de forma oral. Entretanto, em meados do século I a.C., Fedro, um escravo romano, aperfeiçoou o gênero fábula – onde inicia os registros escritos das narrativas de Esopo, além de criar suas próprias fábulas (NELLY COELHO, 2000).

No século XVII, surgiu o fabulista francês La Fontaine, que revê diversas fábulas de tempos mais antigos e por sua vez, cria as suas próprias fábulas, e no Brasil, a fábula começou com Monteiro Lobato que, a partir dos personagens do Sítio do Pica-pau Amarelo, reescreveu e/ou escreveu inúmeras fábulas inspiradas nas fábulas de Esopo e La Fontaine. Surgiram então, outros fabulistas brasileiros como Donald Schüller e Millôr Fernandes, com estilo do cotidiano contemporâneo e de uma forma mais irônica.

Segundo Dezotti (2003), a fábula é um modo universal de construção discursiva, é um ato de fala que se realiza por meio de uma narrativa, sendo assim, constitui um modo poético em que o narrar passa a ser o meio de expressão do dizer. A fábula é constituída a partir da articulação de três discursos: a) narrativo, b) interpretativo ou moral e c) metalinguístico. Na fábula o narrar está a serviço dos mais variados atos de fala: mostrar, censurar, recomendar, aconselhar, exortar. “Dizer uma narrativa é um ato linguístico para o qual todo falante tem competência” (DEZOTTI, 2003, p. 22).

Em caráter pedagógico, a fábula é normalmente organizada em duas partes: a primeira apresenta a história propriamente dita, que se passa num mundo fictício, em que as personagens são seres humanos ou animais. A segunda é a moral da história, que na maioria das vezes está final e tem como objetivo frisar o significado da narração, indicando a interpretação do leitor. Na grande maioria das fábulas, a moral é separada da história estrategicamente. Diante disso, a fábula é uma tipologia textual que instiga a discussões e reflexões a respeito da moral tendo em vista a ampliação do repertório linguístico do aluno, bem como o aprimoramento do nível de escrita (DEZOTTI, 2003).

Neste contexto, faz-se necessário ressaltar ainda a influência da imagem e/ou figura contida nas fábulas, conforme a ideia de Marcuschi (2005) que define os gêneros textuais como fenômenos históricos, que estão envolvidos na vida cultural e social, a escolha pelo gênero fábula se deu pelo fato da possibilidade de projeção da leitura a imagens, ou seja, com esse suporte estimulamos a atenção do aluno, habilidade pouco desenvolvida nessa faixa etária, que possibilita relacionar e questionar, propiciando o desenvolvendo da competência leitora e escrita, onde a escrita de novas fábulas pode



ajudar o aluno a perceber o que é a estrutura narrativa que o ajudará a escrever outros gêneros como e-mails, cartas, bilhetes, biografias além da introdução a ideia de discurso direto, indireto, etc.

De acordo com Goes (1991), esse gênero narrativo apresenta explícita ou implicitamente uma lição de conduta. Neste sentido, pode-se entender que a fábula, inicialmente, era prestável a entreter e a infundir ideias de moral, fomentando a criação de créditos em valores já consolidados e aceitos.

O uso das fábulas no ensino e aprendizado

O presente trabalho foi realizado com uma turma de 3º ano do Ensino Fundamental I, de uma escola particular, situada na cidade de Lavras – MG. A pesquisa foi aplicada pela própria pesquisadora que cursava o 7º período do curso de Pedagogia na universidade Federal de Lavras (UFLA). A turma onde se aplicou a pesquisa era composta por 23 estudantes, na faixa etária de oito anos, sendo 16 meninas e 7 meninos. Estes assumiram o papel de colaboradores sendo até mesmo coautores do projeto.

Como foi explicitado anteriormente, para a efetivação do presente trabalho usou-se como *corpus de análise* o gênero fábula. Visando uma prática de leitura e escrita em contexto significativo, a escolha pelo gênero fábula, tornou-se viável por ser compatível e significativo para a faixa etária trabalhada, tendo como suporte as imagens que estimulam a curiosidade e a criatividade, ou seja, a imagem influencia na contribuição para o aluno relacionar e projetar a leitura e a escrita, cuja dinâmica favorece a motivação e enriquece o trabalho desenvolvido por meio da aplicação de uma sequência didática no período correspondente ao primeiro semestre do ano letivo de 2015, em um total de 26 aulas com duração de 50 minutos cada uma delas, duas vezes por semana.

As atividades foram trabalhadas tendo como suporte os textos citados abaixo que compõem o livro *Fábulas de Esopo* (Beverley Naidoo e Piet Groblet) da seguinte forma:

- 1ª aula: Conhecendo o Gênero Fábula

Foi contada a fábula “O Leão e o Javali” de forma aleatória com o objetivo de apresentar o gênero aos alunos, em seguida foi discutido com as crianças as características desse tipo de gênero textual no que se refere à estrutura externa – título em destaque, texto



colorido; a estrutura interna – apresentação das personagens e ambiente, conflito, resolução de conflitos e desfecho; e a descrição – uso de adjetivos e locuções adverbiais.

• 2ª e 3ª aulas: Apresentação e Planejamento da Proposta e Escrita de Textos Intermediários

Nesta etapa as crianças foram informadas sobre a confecção dos livros, seu destinatário e elaboração, coletivamente e com o apoio do professor, textos que as apoiaram durante a (re)escrita e a revisão dos textos. Foi solicitado aos alunos também que escolhessem cinco fábulas do livro de apoio – *A Tartaruga e a Águia*; *O Chacal e o Antílope-salta-rochas*; *O Leão e o Rato*; *O Gato e os Ratos*; *O Leão, o Burro e o Rato* – além da criação de algumas listas em grupos, a seguir:

- a) Lista de palavras e expressões que caracterizavam as personagens;
- b) Lista das personagens da história – para trabalhar o que é o personagem;
- c) Lista com descrição do ambiente da história -
- d) Lista de episódios marcantes da história – para trabalhar o que são episódios;

Como se tratou de uma aproximação inicial a esse procedimento escrito, a professora e também pesquisadora apoiou a composição de uma lista sucinta dos episódios que compõem a versão eleita para ser (re)escrita, a fábula *A Tartaruga e a Águia* do Livro *Fábulas de Esopo*.

Foi discutido nesta fase como são as personagens da versão – físico e psicológico, bem como, o ambiente onde se passa a história.

Apesar dos alunos, possivelmente, contarem a fábula detalhadamente, nesse momento, para servir de exemplo, fez-se necessário que a professora sintetizasse as informações em poucas palavras, centralizando a ideia de cada episódio de modo a facilitar a retomada.

• 4ª a 7ª aulas: Textualização e (re)escrita

Na primeira aula deste intervalo foi apresentado à turma, onde os alunos se organizaram em dupla, que cada criança ocupasse dois papéis: de escriba e de ditar. As crianças alteraram os papéis de ditar e escrever a fábula *A Tartaruga e a Águia* de forma que cada um dos alunos ficasse bem situado na tarefa que seria cumprida nos dois momentos. Nessa aula também foi feita uma seleção das duplas considerando:

- a) Hipóteses de escrita nem muito próximo, nem muito discrepante – garantia de intercâmbio de saberes em detrimento de sobreposição de pontos de vista;



- b) Articulação de agrupamentos nos quais houve competências complementares, considerando aspectos do discurso e notacionais, e
- c) Consideração a dinâmica de trabalho em dupla.

Após a produção em grupo, nas próximas aulas desse intervalo, os alunos deram início a primeira revisão, o foco, não de correção, estava relacionado aos aspectos discursivos. Inicialmente, foi feita a revisão de ler – essencialmente visando garantia de que os textos continham todos os episódios do texto modelo – recorrendo ao planejamento/listas quando necessário. Além da substituição de termos ou expressões que não estavam adequadas com o gênero textual em questão.

Já na segunda revisão - não de correção – foram feitas, nas duplas as revisões ortográficas, somente aquelas de competência para a faixa etária. Após a conclusão da produção em dupla e explicação do trabalho para a turma, as crianças deram início a (re)escrita da fábula *O Chacal e o Antílope-Salta-Rochas*, escolhida.

Essa primeira revisão – não de correção – assim como na da fábula anteriormente revisada, foi observado aspectos discursivos, garantia de que o texto produzido contivesse todos os episódios do texto original, bem como, a problematização da pontuação em discurso direto – como uma primeira aproximação de marcas possíveis para separar as falas das personagens. Após essa revisão as duplas direcionaram-se para o laboratório de informática da escola tendo por objetivo digitar a (re)escrita.

Na etapa da segunda revisão – não de correção – a pesquisadora abordou dupla por dupla a fim de evidenciar os aspectos notacionais e discursivos, a prática da coerência e coesão, as possíveis discussões lexicais, a intertextualidade e grafia iguais de palavras recorrentes, observando a demanda específica de cada dupla, servindo de interventor e auxiliando o aprendizado dos elementos da textualização.

- 8ª aula: Produção Artística

Nesta aula foi produzida a parte artística da fábula *O Chacal e o Antílope-Salta-Rochas* escolhida, fazendo conexão com a aula de Arte. O trabalho produzido coletivamente foi exposto juntamente com o material individual - o livro – produzido pelas crianças.

Após observação da ilustração no livro *Fábulas de Esopo*, foi feita a reprodução no papel paraná, explorando a caracterização das personagens bem como o cenário onde ocorreu a história.

- 9ª aula: Primeira Análise das Versões de La Fontaine e de Esopo



No primeiro momento alunos assistiram o vídeo da fábula *O Leão e o Rato* na versão de *La Fontaine*. Foi discutido como são as personagens da versão – físico e psicológico – e como o autor termina a fábula e qual lição foi tirada com o final proposto. Além disso, também foi feito um registro – em forma de frases e desenhos – e observado o ambiente em que se passa a história.

No segundo momento, com texto *O Leão e o Rato* na versão de *Esopo*, presente no livro de literatura “*Fábulas de Esopo*”, foi discutido com os alunos as questões que se refere o término e lição tirada da fábula.

No terceiro e último momento da aula foi realizada a análise das duas versões apresentadas acima, nas quais foram observadas diferenças entre os finais das versões, considerando a intencionalidade de cada um dos autores, bem como, diferenças ente os detalhes de ambas.

• 10ª aula: Primeira Apresentação e Planejamento da Proposta e Escrita de Textos Intermediários

Neste período, como se tratou de uma aproximação inicial ao procedimento escritor dos alunos, a professora e também pesquisadora apoiou a composição de uma lista bastante sucinta dos episódios que compõe a fábula eleita para ser reescrita: *O Gato e os Ratos*.

Interessante ressaltar que nesta fase provavelmente as crianças não tinham lembranças de todos os episódios da fábula escolhida, tornando necessária a releitura da história quantas vezes fosse necessária.

• 11ª a 15ª aula: Primeira Contextualização e Reescrita

Nesta fase, ainda utilizando a fábula escolhida, *O Gato e os Ratos*, é crucial mencionar que os alunos não tiveram a oportunidade de consulta ao texto original para a reescrita. O importante neste momento não foi a cópia da história, mas a proximidade criativa com que os alunos o fazem.

As crianças foram agrupadas em duplas, alteraram os papéis de ditar e escrever o texto, de forma que cada um dos alunos ficasse bem situado, em cada momento, na tarefa que cumpriu. A professora, novamente, abordou dupla a dupla no que se refere aos aspectos notacionais, discursivos, coesão do discurso, possíveis discussões léxicas, grafia iguais, entre outros, sempre mencionando as demandas específicas de cada dupla, servindo de interventor.

• 16ª aula: Produção Artística



Na 16ª aula foi produzida a parte artística da fábula *O Gato e os Ratos*, fazendo conexão com a aula de Arte. Para compor a (re)escrita produzida no intervalo das aulas 11ª a 15ª, foi sugerido a reprodução da ilustração da fábula escolhida em papel coque, a escolha de qual momento da fábula seria representada pelo desenho ficou livre.

- 17ª aula: Segunda Análise das Versões de La Fontaine e de Esopo

No primeiro momento a turma assistiu ao vídeo da fábula *O Leão, o Burro e o Rato* na versão de *La Fontaine*. Repetiu-se os procedimentos abordados na aula de número nove, a seguir foi discutido como são as personagens da versão – físico e psicológico – e como o autor termina a fábula e qual lição foi tirada com o final proposto. Além disso, também foi feito um registro em forma de frases e desenhos observando o ambiente em que se passa a história. Já no segundo momento, com o texto *O Jumento, o Chacal e o Leão* na versão de *Esopo*, presente no livro de literatura “*Fábulas de Esopo*” – adotado pelas crianças, foi discutido com os alunos as questões que se refere o término e lição tirada da história. No último momento da aula de número 17, foi realizada a análise das duas versões apresentadas, nas quais foram discutidas: a) diferenças entre os finais das versões – considerando a intencionalidade de cada um dos autores, e b) diferenças entre os detalhes de ambas.

- 18ª aula: Segunda Apresentação e Planejamento da Proposta e Escrita de Textos Intermediários. Nesta aula, foi repetido os mesmos procedimentos realizados na aula de número 10.

- 19ª a 22ª aula: Segunda Contextualização e Reescrita. Nesta fase, ainda utilizando a fábula *O Jumento, o Chacal e o Leão*, é crucial mencionar que os alunos não tiveram a oportunidade de consultar o texto original para a reescrita. O importante neste momento não foi a cópia da história, mas a proximidade criativa com que os alunos o fazem.

Os procedimentos da reescrita aconteceram tais quais ao intervalo das aulas numeradas na sequência 11 a 15, a seguir: a) as crianças foram agrupadas em duplas, alteraram os papéis de ditar e escrever o texto, de forma que cada um dos alunos ficou bem situado, em cada momento, na tarefa que cumpriu; b) foi abordado dupla por dupla visando fomentar os aspectos notacionais, discursivos, coesão do discurso, possíveis discussões léxicas, grafia iguais, entre outros, sempre mencionando as demandas específicas de cada dupla, servindo de interventor.



Logo após, foi feita uma revisão – não de correção – estava relacionado aos aspectos discursivos: foi feita a leitura de conferência do texto observando a sequência dos episódios do texto modelo, bem como, a substituição de termos ou expressões quando houve necessidade, para outros mais adequados.

Já na segunda revisão – não de correção – foram feitas, nas duplas as revisões ortográficas – somente aquelas de competência para a faixa etária. Nesta etapa, tendo em vista a intervenção no que se refere a coesão, grafia iguais e aspectos discursivos, a professora, novamente, abordou dupla a dupla e atendeu as necessidades específicas de cada um dos alunos.

- 23ª aula: Produção Artística. Foi produzida a parte artística da fábula *O Jumento, o Chacal e o Leão* (re)escrita no intervalo das aulas 19ª a 22ª, fazendo conexão com a aula de Arte. O trabalho produzido coletivamente foi exposto juntamente com o material individual - o livro – produzido pelas crianças.

Após observação da ilustração no livro *Fábulas de Esopo*, foi feita a reprodução no papel paraná, explorando a caracterização das personagens bem como o cenário onde ocorreu a história, onde que despertou nos alunos a curiosidade e o interesse em conhecer mais sobre os autores trabalhados. Sendo assim, nas aulas seguintes foram trabalhadas as biografias dos autores em questão.

- 24ª e 26ª aulas: Biografia sobre Esopo e La Fontaine. No primeiro momento foi apresentado aos alunos as biografias dos dois autores em questão, primeiro – A Biografia do La Fontaine; segundo - Biografia do Esopo.

No segundo momento, foi ensinada a estrutura de uma biografia. Já no terceiro momento foi realizada a escrita da biografia de cada autor apresentadas aos alunos. E no quarto e último momento foi realizada a revisão com o foco não na correção, mas nos aspectos discursivos, ou seja, a revisão foi necessária essencialmente para garantir a coesão do texto, na qual foi realizada em duplas e no que diz respeito a ortografia competente para a faixa etária dos alunos em questão.

Análise e discussão dos dados

O fator de primordial importância da (re)escrita está em instigar a provocação do diálogo do sujeito-autor com o texto criado, acarretando numa maior racionalização por



parte do aluno. Para Bakhtin (1997, p.289-290), esse processo é definido como um encontro do “eu-escritor” com o “tu - (re) escritor” no contexto de uma “cadeia da comunicação verbal”, ou seja, deixa-se de apenas receber, e passa a ter princípios de compreensão. Sendo assim, a (re)escrita é uma forma de se trabalhar a função social da linguagem visto que esse aspecto é definido pelo autor de dialogismo.

O PCNs (BRASIL, 1997, p. 55) esclarecem a noção de (re)escrita:

[...] o objetivo é que os alunos tenham uma atitude crítica em relação à sua própria produção de textos, o conteúdo a ser ensinado deverá ter procedimentos de revisão [...]. A seleção deste tipo de conteúdo já traz, em si, um componente didático, pois ensinar a revisar é completamente diferente de ensinar a passar a limpo um texto corrigido pelo professor. No entanto, mesmo assim, ensinar a revisar é algo que depende de se saber articular o necessário – em função do que se pretende – e o possível – em função do que os alunos realmente conseguem aprender num dado momento. Considerar o conhecimento prévio do aluno é um princípio didático para todo professor que pretende ensinar procedimentos de revisão quando o objetivo é muito mais do que a qualidade da produção – a atitude crítica diante do próprio texto.

Em consonância com tais ideias, é possível afirmar que o ato de revisar e reescrever um texto possibilita o repensar a escrita, isto é, não é apenas um passar a limpo, um escrever novamente o texto, mas pensar sobre os possíveis erros e aprender com o próprio processo de reescrevê-lo. Permitir essa reescrita com alunos do 3º ano do Ensino Fundamental usando como instrumento pedagógico livros literários se configura como um imenso desafio, mas ao mesmo tempo, mostra o quanto é preciso e possível inserir textos literários no ambiente da sala de aula.

As atividades proporcionaram aos estudantes um aprendizado sobre a reescrita, mas também viabilizaram o desenvolvimento do senso crítico, despertaram reflexões acerca de ações feitas no cotidiano e permitiram encontrar soluções quando necessário. Assim, aspectos positivos foram percebidos ao longo do trabalho no sentido de contribuir para a formação de um bom escritor, sendo estes o aprimoramento da ortografia, da posição em que o aluno relaciona diferentes textos e encontra aspectos em comum frente ao seu próprio texto, havendo assim o processo de intertextualidade e (re) construção do texto. Algumas crianças tiveram dificuldades no processo de *desconstrução e reconstrução do texto* que foram sanadas na medida em que as *inserções aconteciam gradativamente, tanto ao buscar novas palavras quanto na sequência de fatos recorrentes ao texto modelo*.



Sendo assim, considera-se este trabalho de extrema relevância para a área de Letras em geral, seja para pensar sobre o processo de alfabetização ou até mesmo como produção de conhecimento para o campo da Literatura, uma vez que o *corpus de análise* - fábulas, que se constituem enquanto textos literários que transitam por infindáveis temas que circulam pelo cotidiano, permitem inúmeros questionamentos, problematizações e análises. É importante ressaltar que a partir das atividades houve uma ampliação do vocabulário que é construída através de constantes (re) leituras do texto original e das produções que evoluíram neste aspecto ao longo do desenvolvimento da pesquisa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento deste trabalho acarretou tarefas não só para a pesquisadora, mas para a escola como um todo. Ou seja, o empenho que a instituição de ensino teve em apoiar todo o processo, visando garantir a obtenção de resultados positivos, além de dar condições de tempo e de espaço para que os elementos de ensino se desenvolvessem, foi crucial para a maximização das potencialidades desse projeto.

É interessante refletir sobre os aspectos trabalhados no decorrer da realização de cada fase da pesquisa, destacando a importância do trabalho e a experiência adquirida como pedagoga no que diz respeito a contribuição para a prática e aprendizado da textualização dos alunos da fase introdutória escolar. Processos, percursos e estratégias utilizadas foram objeto de análise e de reflexão críticas, buscando sempre fomentar ações compatíveis com os contextos da realidade escolar estudada, onde a leitura e a prática da (re)escrita foram aprimoradas de forma gradativa, em cada etapa/aula.

Neste sentido, essa pesquisa destacou a relevância da contribuição de textos literários no rompimento de paradigmas relacionais entre esferas da leitura, escrita e (re)escrita pautados no resgate de uma abordagem comunicativa que está de acordo com as práticas de letramento (SOARES, 2003), o que pode acarretar em benefícios no ambiente educacional infantil e até mesmo fomentar habilidades de escrita nas crianças.

REFERÊNCIAS

ANTUNES. I. **Aula de português: encontro e interação**. São Paulo Parábola, editorial, 2003.



- BARBOSA, J. P. **Trabalhando com os Gêneros do Discurso: Uma Perspectiva Enunciativa para o Ensino de Língua Portuguesa**. Tese de Doutorado. São Paulo: LAEL / PUC-SP, 2001.
- BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso (1952-1953). In: **Estética da criação verbal**. Tradução de Maria Ermantina Galvão Gomes e Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1992. p. 277-326.
- _____. **Estética da Criação verbal**. 2 ed. São Paulo, Martins Fontes, 1997.
- DALFOVO, M. S; LANA, R. A; SILVEIRA, A. **Métodos quantitativos e qualitativos: um resgate teórico**. Revista Interdisciplinar Científica Aplicada, Blumenau, v.2, n.4, p.01- 13, Sem II. 2008. Disponível em: http://www.unisc.br/portal/upload/com_arquivo/metodos_quantitativos_e_qualitativos_um_resgate_teorico.pdf>. Acessado em: 29 mai. 2018.
- BRASIL, Ministério da Educação, **Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental**. Brasília, MEC/SEF, 1997.
- COELHO, Nelly Novaes. **Literatura Infantil: Teoria, Análise, Didática**. São Paulo: Moderna, 2000.
- DOLZ, J; SCHNEUWLY, B. **Gêneros Orais e Escritos na Escola**. São Paulo: Mercado de Letras, 2004.
- _____. **“Apprendre à écrire ou comment étudier la construction des capacités langagières?”**. Études de Linguistique Appliquée, 1996.
- DEZOTTI, M. C. C. **A fábula**. In: _____. (Org.) A tradição da fábula: de Esopo a La Fontaine. Brasília: UNB; São Paulo: IOESP, 2003.
- GÓES, Lúcia Pimentel. **Introdução à literatura infantil e juvenil**. 2. ed. São Paulo: Pioneira, 1991.
- MARCUSCHI, L. A. **Gêneros textuais: definições e funcionalidades**. In: DIONÍSIO, Ângela Paiva. Gêneros textuais e ensino. Rio de Janeiro: Lucena, 2005.
- _____. **Da fala para a escrita: atividade de retextualização**. São Paulo: Cortez, 2008.
- SOARES, M. **Letramento: um tema em três gêneros**. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.